

COMPOSIÇÃO E DERIVAÇÃO EM PORTUGUÊS:
CONSTITUINTES MORFOLÓGICOS, ENFOQUES E PERSPECTIVAS
DE ANÁLISE

Por:
Carlos Alexandre Victorio Gonçalves

Projeto encaminhado ao CNPq, para apreciação pelo Comitê Científico, com vistas à renovação de Bolsa de Produtividade em Pesquisa (PQ) e ao reenquadramento para o nível 1.

Rio de Janeiro, maio de 2013.

COMPOSIÇÃO E DERIVAÇÃO EM PORTUGUÊS: CONSTITUENTES MORFOLÓGICOS, ENFOQUES E PERSPECTIVAS DE ANÁLISE

Carlos Alexandre Victorio Gonçalves*

0. Contextualização e metas atingidas em relação à proposta anterior

A motivação para o presente estudo resulta de duas diferentes frentes de trabalho que venho desenvolvendo sobre a morfologia do português, através de diferentes vigências de bolsas de produtividade em pesquisa concedidas pelo CNPq: processos 303242/2010-8, 303959/2007-0, 302451/2004-8 e 303405/2002-3. A primeira é a descrição dos processos não-concatenativos de formação de palavras, como a reduplicação e o truncamento, analisados em diferentes abordagens teóricas sobre a interface morfologia-fonologia. A segunda, mais recente, é a investigação das partes de cruzamentos vocabulares utilizadas com alguma recorrência na formação de palavras, os chamados *splinters*, partículas resultantes do mecanismo de substituição sublexical (*-drasta*, *-trocínio*) que parecem transitar nos limites entre a composição e a derivação (GONÇALVES & ALMEIDA, 2012; GONÇALVES, 2011a, 2011b; GONÇALVES, ALMEIDA & ANDRADE, 2010). O presente projeto, portanto, constitui desdobramento natural de pesquisas que desenvolvo, com subvencionamento do CNPq, nessas duas grandes linhas de investigação.

O projeto anterior, “*Se a macumba é para o bem, então é boacumba: análise morfosológica da substituição sublexical em português*”, conseguiu alcançar as seguintes metas: (a) mapeou as operações de fusão vocabular utilizadas no português do Brasil, (b) descreveu-as com base na Morfologia Prosódica (McCARTHY, 1981; 1986; 1991) e (c) analisou-as, a partir de hierarquias de relevância, à luz da Teoria da Otimalidade (PRINCE & SMOLENSKY, 1993; MCCARTHY & PRINCE, 1993). Contra toda uma literatura de cunho mais tradicional, venho mostrando que há regularidade estrutural na formação de palavras por substituição sublexical. Em função do projeto, defendo, em artigos recentes, que os limites entre o concatenativo e não-concatenativo muitas vezes são tênues, ao contrário do que preconiza grande parte da literatura (HASPELMATH, 2002; SCALISE, 1984; SPENCER, 1990), já que formas caracterizadas pelo entranhamento de duas bases podem, com a fixação

* Professor Associado III do Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Pesquisador-bolsista do CNPq (nível 2) desde 1999. Líder do NEMP (Núcleo de Estudos Morfossemânticos do Português).

de um padrão, adquirir condições ótimas para a isolabilidade das partes. Além disso, tenho observado que os mecanismos de substituição sublexical, cujo estatuto morfológico por vezes é questionado (HALPELMATH, 2002; ŠTEKAUER, 1998), constituem fonte para a criação de inúmeros elementos com alguma recorrência no atual estágio da língua – os *splinters*, constituintes morfológicos com propriedades de afixos e radicais e, por isso mesmo, portadores de atributos tanto da composição quanto da derivação. O presente projeto, portanto, tem motivação no anterior, cujos principais resultados podem ser visto em Gonçalves (2011c)¹.

1. Resumo

O principal objetivo deste projeto é discutir as diferenças entre os dois principais mecanismos de formação de palavras, a composição e a derivação, de modo a fornecer evidências do português brasileiro em favor da proposta de Baker (2000), Ralli (2007, 2010) e Kastovsky (2009), para quem esses processos constituem os extremos prototípicos de um *continuum*, havendo, em decorrência, casos limítrofes com propriedades das duas operações morfológicas. Mapear e descrever os mecanismos de formação de palavras que se situam entre a composição e a derivação constitui outro objetivo central desta proposta, já que a discussão sobre o estatuto de elementos morfológicos que compartilham propriedades de radicais e afixos – as chamadas formas combinatórias², como *-trocínio*, de ‘patrocínio’, e *-drasta*, de ‘madrasta’ – vem ganhando destaque nos estudos contemporâneos (WARREN, 1990; LEHRER, 1998; DUNKS, 2003; KENESEI, 2007; FANDRICH, 2008). A mudança no estatuto de radicais neoclássicos, como *bio-*, *-latra*, *eco-* e *-dromo*, também é analisada no projeto, pois autores como Bauer (2005) e Booij (2005, 2010) a consideram uma das principais evidências da flexibilização de fronteiras entre a composição e a derivação.

O projeto, portanto, pretende examinar questões como (a) o levantamento das principais características da composição e da derivação; (b) a existência de processos de formação de palavras que se situam na interface composição-derivação; (c) a criação de

¹ No período de vigência da bolsa (2011-2013-1), foram publicados onze artigos em periódicos, um livro (Editora Contexto), uma obra organizada, dois capítulos de livros e um trabalho em anais, além de dois artigos já aprovados e quatro capítulos no prelo. Foram defendidas oito dissertações de mestrado e cinco teses de doutorado.

² De acordo com autores como Warren (1990) e Lehrer (1998), pioneiros na identificação e na descrição dessas partículas em inglês, formas combinatórias (do inglês *combining forms*) são elementos que, como os afixos, ocorrem numa borda específica da palavra, mas, em função de seus significados, correspondem a radicais. Formas combinatorias, portanto, foram uma classe à parte, situada entre radicais e afixos.

elementos morfológicos a partir de mecanismos não-concatenativos de formação de palavras, como a fusão vocabular e o truncamento³, e sua consequente categorização; (d) a mudança no estatuto morfológico de constituintes; e (e) as consequentes implicações na descrição morfológica do português.

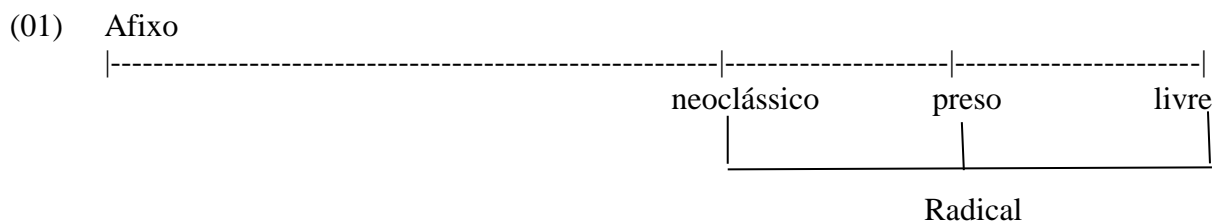
2. Introdução

O tipo de constituinte envolvido na formação de palavras é tacitamente apontado como a principal diferença entre composição e derivação (KATAMBA, 1990; ten HACKEN, 1994; PLAG, 2003), já que o primeiro processo opera com base em radicais/palavras e o último faz uso de afixos. A categorização das unidades morfológicas, no entanto, é tema de grande debate na literatura recente, como demonstrado, por exemplo, em Baker (2000), Bauer (2005), Booij (2005, 2007, 2010), Ralli (2007, 2010) e Kastovsky (2009). Se, por um lado, o estatuto de um formativo determina o tipo de operação morfológica, por outro, nem sempre é fácil decidir se uma unidade constitui afixo ou radical, o que levanta a questão de saber se há limites precisos entre as categorias morfológicas e, em decorrência, entre os dois principais processos de formação de palavras, a composição e a derivação.

Neste projeto, procuramos mostrar que as unidades envolvidas na formação de palavras podem ser dispostas num *continuum* morfológico determinado tanto por propriedades estruturais quanto semânticas. Para Ralli (2010), afixos e radicais livres ocupam os dois extremos da escala, enquanto radicais presos, incluindo os neoclássicos, localizam-se em posições mais ao centro, como se observa na formalização em (01), a seguir. Uma abordagem dessa natureza representa as semelhanças compartilhadas por diferentes constituintes, como, por exemplo, a propriedade *boundness* (“fixidez”), característica tanto de afixos quanto de radicais presos, ambos considerados unidades sem livre curso na língua⁴.

³ Em linhas gerais, processos não-concatenativos, ao contrário dos aglutinativos, caracterizam-se pela falta de encadeamento, realizando-se através da fusão, como é o caso do cruzamento vocabular (‘crentino’ << ‘crente’ + ‘cretino’; ‘apertamento’ << ‘apartamento’ + ‘apertado’), ou da redução, a exemplo do truncamento (‘profissa’ << ‘profissional’; ‘salafra’ << ‘salafatório’).

⁴ Tais elementos são formas presas, isto é, partes integrantes de palavras, não funcionando sozinhos como comunicação suficiente, nos termos de Bloomfield (1933), por só se manifestarem quando combinadas a outras formas, presas (‘sapat-eiro’) ou livres (‘mes-ada’).



Com base em formações mais recentes do português (sobretudo em sua variante brasileira), pretendemos demonstrar que vários tipos de elementos morfológicos, além de radicais presos, podem ser dispostos no *continuum* radical-afixo formulado em (01), pois igualmente dão mostras da dificuldade de categorizar como compostas ou derivadas as construções morfológicas de que participam. Tal é o caso dos elementos abaixo exemplificados:

- (02) **radicais neoclássicos ressemantizados**, a exemplo de *petro-*, *bio-*, *eco-*, *tecno-*, *tele-* e *homo-*; **radicais gregos e latinos convertidos em sufixos**, a exemplo de *-latra*, *-dromo* e *-metro*; **porções silábicas resultantes de fusão vocabular**, como *-nejo*, *-nese*, *-drasta*, *-trocínio* e *caipi-*; **reduções resultantes de operações de truncamento** (*clipping*), como *choco-*, *info-*, *euro-*; **formativos diretamente importados do inglês**, como *cyber-*, *-gate*, *pit-*, *e-*, *-burger*; e

Pode-se perceber, pela relação em (02), que, ao lado da prefixação, da sufixação e da composição de base livre, o português apresenta formações, como as listadas a seguir, cuja inclusão numa classe ou noutra, pelo tipo de formativo utilizado, nem sempre é inteiramente consistente:

(03) *eco-renovação*, *homo-afetivo*, *tele-pizza*, *aero-modelismo*, *auto-peças*, *agro-negócio*, *moto-escola*;

(04) *sogra-drasta*, *mãe-trocínio*, *ovo-nese*, *sexta-neja*;

(05) *info-excluídos*, *euro-copa*, *choco-mania*;

(06) *cyber-avó*, *wiki-pedia*; *pt-leaks*, *pit-bicha*; *bobs-burger*, *lula-gate*;

(07) *e-business*, *e-formação*, *e-professor*.

Sem dúvida alguma, o estatuto dessas formações – e de seus constituintes, conseqüentemente – é menos óbvio. As formas em questão se estruturam a partir do que se convencionou chamar de *formas combinatórias* (BAUER, 1998; LEHRER, 1998). De acordo com Kastovsky (2009: 02), o rótulo *forma combinatória*, amplamente utilizado na literatura morfológica das últimas décadas do século passado, parece ter vindo do *Oxford English Dictionary*. Segundo o autor, “o termo foi adotado para nomear parte de empréstimos do

grego e do latim ou formações do inglês que não se utilizam propriamente de palavras nem são identificáveis facilmente com afixos”.

Os exemplos em (03) constituem-se de elementos morfológicos advindos de palavras importadas diretamente do latim e do grego que aparecem em um número relativamente grande de neologismos utilizados na terminologia técnica e científica, onde são abundantes. Tendo em vista o aumento na frequência de tais formações, é surpreendente que até agora esses elementos não tenham sido investigados de forma sistemática, como aponta Prêié (2008: 2):

A teoria morfológica contemporânea ainda não elaborou uma maneira fundamentada e consistente de distinguir afixos de formas combinatórias em geral, e sufixos de formas combinatórias finais, mais particularmente. [...] Esse estado incerto teve implicações adversas não apenas para a teoria geral de formação de palavras [...], mas também para a metodologia e a prática lexicográficas, bem como para o ensino de línguas.

As formações em (03), no entanto, envolvem especialização semântica do constituinte à esquerda, cujo significado de modo algum se relaciona ao etimológico. Por exemplo, ‘eco-renovação’ faz referência à “renovação ecológica” e ‘homo-afetivo’, à “relação afetiva entre homossexuais” (OLIVEIRA & GONÇALVES, 2011). Nas construções em (03), o constituinte à esquerda, numa espécie de metonímia formal, adquire o significado do composto original e atualiza esse conteúdo especializado, já bastante diferenciado do etimológico, na combinação com palavras preexistentes na língua.

As construções em (04) se estruturam por meio de pedaços de palavras combinados com palavras inteiras. Nesse caso, as partículas utilizadas provêm de fenômenos de fusão vocabular: casos de entranhamento lexical, combinação truncada ou de substituição sublexical (ALMEIDA & GONÇALVES, 2004; BASILIO, 2005; ANDRADE, 2008)⁵. Por exemplo, a sequência *-trocínio*, que não corresponde a nenhum constituinte morfológico em ‘patrocínio’, foi isolada a partir do cruzamento vocabular ‘paitrocínio’ (“patrocínio do pai”), que favoreceu a criação de palavras em série por meio da substituição, à esquerda, do agente financiador: ‘mãe-trocínio’, ‘avô-trocínio’, ‘tio-trocínio’, ‘auto-trocínio’.

⁵ Nos casos de cruzamento vocabular, duas formas de bases se fundem, como em ‘apartamento’ (“apartamento apertado”), ou são combinadas sem interposição, a exemplo de ‘brasiguaio’ (“brasileiro ou paraguaio que vive na fronteira entre esses dois países”). Na substituição sublexical, uma sequência fonológica é interpretada morfológicamente e substituída, como em ‘bebemorar’ (“comemorar à base da ingestão de bebidas alcoólicas”).

Os dados em (05) também se valem de encurtamentos combinados com palavras inteiras. A diferença entre (04) e (05) reside no fato de, em (05), os elementos recorrentes se originarem do processo de *clipping*, a exemplo de euro-, que constitui redução vocabular de ‘europeu’ ou ‘Europa’.

As formações em (06) se assemelham às em (05), mas, nesse caso, o encurtamento vem pronto da língua de origem (no caso, o inglês). Tal fato, no entanto, não impede que o formativo emprestado combine-se com bases nativas, a exemplo de ‘*cyber-avó*’ (“avó moderna, “antenada” com os recursos tecnológicos”) e ‘*wiki-aves*’ (“enciclopédia eletrônica sobre aves”). Muitas vezes, a base etimológica comum deixa dúvidas sobre o estatuto não-vernáculo de tais formativos, que acabam sendo vinculados a palavras também encontradas em português, como é o caso de ‘cibernética’. Como tal processo está comprometido com o grau de nativização do empréstimo, algumas dessas formações costumam admitir duas grafias, como é o caso de ‘*cyber-café*’ e ‘*ciber-café*’. Por fim, as formas em (07), chamadas de *e-termos* (CORREIA *et alii*, 2008), originaram-se da abreviação inglesa ‘e-mail’ (*eletronic mail*). Entende-se por *e-termo* “cada uma das unidades que apresenta na sua estrutura a partícula e com o significado de *electronic/electrónico*” (CORREIA *et alii*, 2008: 122). Do mesmo modo que as formas em (06), os *e-termos* podem ser combinados com palavras da língua, a exemplo de ‘*e-babá*’ (referência às atividades da *internet* que entretêm crianças) e ‘*e-pipoca*’ (um *site* sobre cinema).

O termo *forma combinatória*, portanto, é usualmente adotado (LEHRER, 1998; DANKS, 2003; ten HACKEN, 2000; FANDRYCH, 2008) para descrever elementos de natureza variada: (1) radicais neoclássicos, com ou sem alteração no significado etimológico, como, nessa ordem, ‘*aero-lula*’ (“avião do ex-presidente Lula”) e ‘*geo-ciências*’ (“ciências da terra”); (2) porções fonológicas oriundas de *clippings*, nativos ou não, como *choco-* (‘chocomania’) e *cyber-* (‘cyber-ataque’), respectivamente; (3) itens morfológicos resultantes de mesclas lexicais, a exemplo de *-nejo* (‘*pago-nejo*’, ‘*forró-nejo*’, ‘*sexta-neja*’ << ‘*sertanejo*’), *-nese* (‘*ovo-nese*’, ‘*macarro-nese*’, ‘*camaro-nese*’ << ‘*maionese*’) e *-tone* (‘*sorve-tone*’, ‘*choco-tone*’, ‘*bombo-tone*’ << ‘*panetone*’); e (4) abreviações em que um dos constituintes utilizados se assemelha a uma sigla (*e-MEC*, *i-namorado*).

Constitui objetivo do projeto discutir o estatuto morfológico das formações brevemente descritas nesta seção, para os quais não há descrição de maior envergadura em português, muito menos na perspectiva assumida. Até onde se sabe, tais elementos vêm sendo abordados apenas no âmbito do NEMP (Núcleo de Estudos Morfossemânticos do Português –

www.nemp.com.br), a partir de trabalhos isolados por mim desenvolvidos com ou sem a parceria da vice-líder do grupo, a Profa. Dra. Maria Lucia Leitão de Almeida.

No presente projeto, procuramos checar em que medida os elementos em (02) se comportam como radicais e em que aspectos equivalem a afixos, mapeando, para tanto, os principais atributos desses tipos de formativos. Pretendemos, desse modo, justificar a proposta de *continuum*, defendida por Baker (2000), Ralli (2007, 2010) e Kastovsky (2009), mostrando, por outro lado, que, em português, há vários tipos de constituintes que se situam na fronteira radical- afixo. Objetivamos, com isso, expandir o *continuum* formulado em (01) e inserir o português no rol das línguas utilizadas para validar a proposta.

3. Justificativa para a escolha do tema

Além de respaldado pela trajetória de pesquisa do proponente, o projeto também se justifica pelos seguintes motivos:

(1) não há, para o português, nenhum estudo mais sistemático sobre (a) as principais características da derivação e da composição e o conseqüente levantamento de critérios empíricos que diferenciem esses dois mecanismos de renovação lexical; (b) as porções fonológicas que, oriundas de processos não-concatenativos (fusão vocabular e truncamento), são recorrentemente utilizadas na formação de novas palavras, a exemplo de *-nese*, de ‘maionese’, em ‘ovonese’, ‘macarronese’ e ‘camaronese’; (c) os empréstimos morfológicos do inglês recentemente empregados em estruturas de composição e derivação, como ‘*cyber-ataque*’, ‘*panetone-gate*’ e ‘*pit-babá*’; e (d) a mudança no estatuto morfológico de constituintes, como os radicais neoclássicos, que vêm apresentando comportamento de afixo nos últimos anos (RONDININI, 2004; RONDININI & GONÇALVES, 2006; OLIVEIRA & GONÇALVES, 2011; GONÇALVES, 2012);

(2) os dados do português sugerem refinamento nas propostas teóricas que sustentam o projeto (BAKER, 2000; BAUER, 2005; BOOIJ, 2005, 2007, 2010; RALLI, 2007, 2010; KASTOVSKY, 2009), uma vez que vários elementos morfológicos, além de radicais neoclássicos e formas combinatórias, parecem transitar na fronteira radical-afixo e, conseqüentemente, nos limites entre a composição e a derivação, a exemplo dos chamados xenoconstituintes (GONÇALVES & ALMEIDA, 2012), como *e-* (abreviação de *eletronic*), em ‘*e-limpeza*’, ‘*e-comércio*’ e ‘*e-aula*’;

(3) um exame mais sistemático dos radicais neoclássicos pode revelar uma possível gramaticalização em constituintes como *-dromo* ('fumódromo', 'sambódromo'), *tele-* ('telepizza', 'tele-denúncia) e *-teca* ('brinquedoteca', 'maridoteca'), que, acreditamos, comportam-se, nos dias de hoje, mais como afixos que como radicais, ao contrário do que preconiza a maior parte da literatura na área, incluindo obras de referência, como dicionários (HOUAISS, 2009) e gramáticas normativas (CUNHA & CINTRA, 1985), além de manuais de morfologia do português (SANDMANN, 1989; LAROCA, 1994);

(4) desse modo, uma abordagem paralela sobre a mudança morfológica pode, em função dos resultados da pesquisa, repercutir na descrição do português e, em decorrência, no ensino de morfologia nos níveis fundamental e médio, uma vez que os livros didáticos tacitamente assumem que são compostas as construções morfológicas com formativos como *bio-*, *eco-*, *auto-*, *-metro*, *-latra* e *-logo*, entre tantos outros;

(5) o emprego desses formativos (e de suas conseqüentes possibilidades de combinação) reflete usos linguísticos que, veiculados nos meios eletrônicos, com os quais os estudantes lidam diariamente, não encontram reflexo na prática escolar. Dito de outra maneira, a utilização de vários elementos morfológicos aqui contemplados, como *cyber-*, *info-*, *e-*, *tecno-* e *wiki-*, reflete o conhecimento do usuário da língua que interage com o computador e frequenta *blogs* e redes sociais;

(6) ao descrever e analisar tais formações, oferece-se aos estudantes a possibilidade de se reconhecerem como usuários de padrões efetivamente em curso, mas sem respaldo nas gramáticas tradicionais e nos livros didáticos. Nessas obras, os radicais neoclássicos, por exemplo, se abordados, são via de regra descritos por meio de listas exaustivas de elementos descontextualizados e com possibilidades combinatórias restritas a exemplos abonados apenas por fontes consideradas mais nobres (geralmente obras literárias), desconsiderando-se, assim, a criatividade lexical e, por sua vez, o conhecimento morfológico do falante nativo, seus hábitos e sua cultura.

4. Objetivos

Neste projeto, focalizamos dois importantes aspectos da morfologia do português: (a) a apreensão e a categorização das unidades de análise morfológica e (b) a relevância dos processos não-concatenativos na formação de novas palavras. Constitui objetivo geral do estudo, portanto, repensar as diferenças entre composição e derivação, de modo a fornecer

evidências do português brasileiro em favor da proposta de um *continuum* entre esses dois mecanismos de ampliação lexical (KASTOVSKY, 2009; RALLI, 2010), argumentando que uma categorização baseada em protótipos é mais condizente com a heterogeneidade tipológica do sistema de formação de palavras do português.

Mais especificamente, procuramos mostrar que a mudança morfológica, tal como apontam, entre outros, Bauer (2005), Booij (2005) e Petropoulou (2009), constitui um dos principais indicadores de um *continuum* composição-derivação, já que afixos podem originar-se de palavras ou de radicais presos. Outros objetivos mais específicos do projeto são listados a seguir:

- (a) a partir de estudos já realizados sobre o truncamento, como, por exemplo, Vazquez & Gonçalves (2008), Belchor (2009) e Gonçalves (2011c), e sobre o cruzamento vocabular (p. ex., BASILIO, 2005; ALMEIDA & GONÇALVES, 2007; ANDRADE, 2008), identificar as porções não-morfêmicas recorrentemente utilizadas na formação de novas palavras;
- (b) em função de (a), levantar o maior número possível de formações com porções não-morfêmicas, a partir das fontes discriminadas na seção **Métodos**;
- (c) verificar, por meio das listas de radicais gregos e latinos encontradas nas principais gramáticas tradicionais (LUFT, 1978; CUNHA & CINTRA, 1985; BECHARA, 2000), que elementos vêm formando séries de palavras no português brasileiro contemporâneo;
- (d) a partir de (c), levantar o maior número possível de formações com radicais ditos neoclássicos (LÜDELING, 2004; PETROPOULOU, 2009), a partir das fontes discriminadas na seção **Métodos**;
- (e) analisar, nas novas formações, se o significado etimológico se mantém ou se há algum tipo de ressemantização envolvendo cada um dos radicais greco-latinos ativos no atual estágio da língua;
- (f) recorrendo a gramáticas históricas, manuais de filologia (românica e portuguesa), dicionários etimológicos e fontes variadas, descrever a trajetória dos radicais gregos e latinos selecionados para análise, em função de (c), na história do português;
- (g) com base em (f), observar que formativos modificaram seu estatuto morfológico e, hoje, não se comportam plenamente como radicais;

- (h) observar se há diferenças morfológicas e semânticas entre os elementos neoclássicos de primeira (*bio-*, *eco-*, *homo-*, *tecno-*) e segunda posição (*-dromo*, *-teca*, *-cídio*);
- (i) mapear os formativos do inglês que o português vem aproveitando para criar hibridismos nos dias de hoje;
- (j) em função de (i), levantar o maior número possível de formações com os chamados xenoconstituintes (GONÇALVES & ALMEIDA, 2012), a partir das fontes discriminadas na seção **Métodos**;
- (k) com base na literatura especializada, levantar as principais características dos processos de derivação e composição;
- (l) em função desse levantamento, estabelecer critérios empíricos que possam servir de parâmetro para a categorização das unidades de análise morfológica investigadas;
- (m) definir, a partir de (l) e do referencial teórico que sustenta a análise, sobretudo Kastovsky (2009) e Ralli (2010), o *continuum* composição-derivação aplicado ao português.

5. Métodos

Para desenvolver o projeto, os seguintes procedimentos são necessários:

- (1) mapear os constituintes morfológicos a investigar no decorrer da pesquisa;
- (2) rastrear, a partir do mapeamento feito em (1), o maior volume possível de dados, ainda que a abordagem seja predominantemente qualitativa;
- (3) categorizar os formativos através de critérios empíricos a estabelecer com base na literatura especializada.

A definição das unidades de análise (procedimento em (1), acima) será feita com base em fontes variadas. No caso das porções recorrentes oriundas de fusões vocabulares, como *-tone*, de ‘panetone’, em ‘sorvetone’ e ‘chocotone’, são de grande relevância os diversos estudos já realizados sobre o fenômeno, dentro e fora do NEMP. No âmbito do NEMP, utilizaremos os trabalhos de Silveira (2002), Álvaro (2003), Andrade (2008) e Furtado (2011), dissertações de mestrado por nós orientadas, e os artigos de Gonçalves (2003, 2005, 2006), Almeida (2008), Almeida & Gonçalves (2004), Almeida & Gonçalves (2007), Andrade (2008), Gonçalves & Assunção (2009) e Gonçalves, Andrade & Almeida (2010). Fora do

NEMP, recorreremos aos estudos de Basilio (2005, 2009), Martini (2010) e Rosa (2009), entre outros que pretendemos levantar durante na execução do projeto.

Para mapear os truncamentos que, a exemplo de *caipi-* e *info-*, podem ser combinados com palavras ('caipi-fruta', 'info-peças') ou com partes não necessariamente morfológicas de palavras ('chocolícia' 'info-mercado'), também recorreremos a estudos já realizados sobre o assunto, quer dentro do NEMP – Gonçalves, 2004b; Gonçalves & Vazquez, 2004; Vazquez & Gonçalves, 2008; Vazquez, Couto & Gonçalves, 2008; Belchor, 2009; Gonçalves, 2011c) –, quer fora do grupo: Araújo, 2002; Vilela, Godoy & Christóvão-Silva, 2006; Martini, 2010.

No caso dos formativos do inglês combináveis com palavras do português, a exemplo de '*wiki-aves*' ("enciclopédia eletrônica sobre aves") e '*nikiti-leaks*' ("vazamento de informações sobre a prefeitura de Niterói, RJ"), valemo-nos do único estudo que conhecemos acerca do assunto: Gonçalves & Almeida (2012), uma abordagem morfossemântica a respeito do uso desses elementos na mídia eletrônica e sua relevância para a Teoria da Informação. Por fim, os radicais neoclássicos de interesse para a pesquisa serão mapeados em função das listagens dos radicais de origem grega e latina encontradas nas principais gramáticas brasileiras: Cunha (1975), Cunha & Cintra (1985), Luft (1978) e Bechara (2000).

Uma vez definidos os constituintes com os quais iremos trabalhar, rastreamos os dados de fontes variadas (procedimento 2, acima):

- (a) dicionários eletrônicos, como o Aurélio (2009), o Michaëllis (2007), o Houaiss (2009) e o Aulete (2009), através de ferramentas de busca encontradas nas próprias obras, que permitem encontrar as palavras de interesse a partir de seu início ou de sua terminação;
- (b) dicionários em formato wiki (*softwares* colaborativos), a exemplo do Dicionário *on line* de português, do Dicionário InFormal e do Dicionário Priberan da Língua Portuguesa⁶. Tais obras têm a vantagem de serem constantemente atualizadas pelos próprios usuários, o que possibilita acesso a palavras de ingresso mais recente na língua;
- (c) com o objetivo de chegar ao maior número possível de formações recentes, utilizaremos os rastreadores eletrônicos *google* e *yahoo*, conseguindo, com isso, extrair dados de blogs, chats e posts nas redes sociais, como o *orkut* e o *facebook*, os

⁶ Os dicionários podem ser consultados nos seguintes endereços: <http://michaelis.uol.com.br>, <http://www.dicio.com.br>, <http://www.dicionarioinformal.com.br/>, <http://www.priberam.pt>.

quais, certamente, refletem usos próximos da oralidade, já que caracterizam interações mais espontâneas;

- (d) uma coleta menos sistemática será feita, paralelamente, a partir de fontes diversas: jornais e revistas de grande circulação nacional, como o *Jornal do Brasil* e a revista *Veja*, além de dados ouvidos em diferentes situações de interação linguística, como conversas informais e programas de televisão, sobretudo entrevistas.

O contraste entre os dados obtidos a partir das fontes em (c) e (d) pode revelar diferentes condições de produção (BASILIO, 1992) envolvendo os formativos investigados, como, por exemplo, o tipo de texto e o modo de organização do discurso, o perfil sócio-cultural do usuário, as condições de enunciação e o grau de formalidade.

Como destacamos na seção **Objetivos**, pretendemos analisar os formativos desde sua entrada na língua até os dias atuais. Para tanto, utilizamos, como fontes de informações diacrônicas, compêndios de gramática histórica (SAID ALI, 1966; COUTINHO, 1968), manuais de filologia e linguística portuguesa (RODRIGUES LAPA, 1971; CHAVES de MELO, 1981) e, principalmente, dicionários etimológicos (NASCENTES, 1955; MACHADO, 1967; COROMINAS, 1987; BUENO, 1988; CUNHA, 1994) e dicionários morfológicos (GOÉS, 1937; GOÉS, 1945; HECKLER *et al.*, 1981). Também consultaremos o acervo “*Corpus do português*”, disponível na página eletrônica www.corpusdoportugues.org, organizado por Michael Ferreira e Mike David, constituído de fontes documentais desde o século XIII até o século XX.

Com base em obras de referência na área de morfologia (p. ex., SPENCER, 1991; KATAMBA, 1990; BOOIJ, 2002; PLAG, 2003), pretendemos estabelecer critérios empíricos que possam nos auxiliar na identificação do comportamento de afixos e radicais mais prototípicos (procedimento 3, acima). Em função desses critérios, montaremos o *continuum* composição-derivação e checaremos em que medida os diversos elementos morfológicos investigados se aproximam e se afastam dos dois extremos dessa escala.

6. Metas

Como enfatizado no decorrer deste texto, o projeto se propõe a discutir o atual estatuto de vários elementos morfológicos do português, incluindo os radicais neoclássicos, considerados, pela maior parte da literatura, como formas a serviço da composição. Um estudo com base em dados recentes, aliado a uma investigação histórica sobre esses

formativos, pode revelar mudança no comportamento de alguns constituintes, o que, conseqüentemente, implicará revisão em sua classificação tradicional. Uma abordagem dessa natureza, portanto, tem por meta

- (a) contribuir com a descrição da morfologia do português, pois analisa temas ainda não abordados de forma sistemática em nossa língua;
- (b) inserir o português no cenário linguístico internacional, já que a questão do *continuum* composição-derivação vem sendo debatida, a partir do exame de várias línguas, por morfólogos de renome internacional, em centros de Linguística de várias partes do mundo: Oceania (BAUER, 2005); Europa (BOOIJ, 2010; RALLI, 2010); América do Norte (KASTOVSKY, 2009);
- (c) fornecer evidências empíricas do português para a teoria morfológica contemporânea, pois, até onde se conhece, nenhuma das línguas examinadas tem a diversidade de constituintes que o português apresenta;
- (d) estimular o desenvolvimento de novos estudos na área, uma vez que não há pesquisas nessa linha de investigação, que, acreditamos, vem se mostrando bastante promissora no estudo da morfologia de línguas naturais.

7. Resultados esperados

Com o desenvolvimento do projeto, temos por meta

1. formar uma rede de pesquisadores e alunos de vários níveis (doutorado, mestrado e iniciação científica) fortemente engajada no exame de unidades de análise morfológica pouco abordadas na literatura sobre o português e ainda não descritas na perspectiva assumida;
2. difundir a proposta em eventos científicos nacionais e internacionais;
3. publicar os resultados da pesquisa em periódicos nacionais – de preferência os classificados como *Qualis* A1, A2 e B1 na tabela CAPES – e em capítulos de livros e anais de eventos científicos;
4. publicar os resultados da pesquisa em inglês, nas principais revistas especializadas na área, de modo a atingir as metas (b) e (c), descritas na seção 6: inserir o português no cenário linguístico internacional e fornecer evidências empíricas do português para a teoria morfológica contemporânea;

5. produzir uma ou mais obras organizadas (livros e revistas temáticas) que reflitam os principais resultados da pesquisa;
6. orientar pelo menos cinco dissertações de mestrado e duas teses de doutorado na temática contemplada no projeto;
7. solicitar bolsas de iniciação científica a importantes órgãos de fomento, como o CNPq e a FAPERJ, para engajar novos jovens pesquisadores nesse frutífera área de investigação.

8. Cronograma de execução

Para desenvolver o estudo, as seguintes etapas de elaboração se fazem necessárias:

- (a) levantamento dos formativos, a partir das fontes listadas na seção 5;
- (b) levantamento dos dados, a partir dos *corpora* estabelecidos na seção 5, especialmente nos itens (a)-(d);
- (c) leituras extensivas sobre composição, derivação, processos não-concatenativos de *blend* lexical e *clipping*, formações neoclássicas e empréstimos;
- (d) leituras extensivas sobre *continuum* composição-derivação;
- (e) estabelecimento dos critérios empíricos que diferenciam radical de afixo;
- (f) categorização dos dados, levando-se em conta cada um dos critérios levantados em (e);
- (g) elaboração e aplicação de testes variados – incluindo eventuais testagens de natureza experimental e psicolinguística, com as quais pretendemos nos familiarizar durante a pesquisa – para checar o comportamento dos formativos em relação aos atributos que definem a composição e a derivação;
- (h) análise dos dados, com base nas propostas teóricas contempladas na investigação;
- (i) leituras extensivas sobre gradiência e escalaridade, especialmente no que se refere à morfologia;
- (j) elaboração do relatório final de atividades.

No quadro a seguir, discriminamos as etapas de elaboração da pesquisa e o tempo previsto para sua realização, considerando um período de três anos (2014-1 a 2016-2):

Tempo	2014-1	2014-2	2015-1	2015-2	2016-1	2016-2
Levantamento dos formativos	X					
Levantamento dos dados		X	X			
Elaboração de testes			X			
Aplicação de testes				X		
Leituras extensivas	X	X	X	X	X	X
Estabelecimento de critérios			X	X		
Categorização dos dados			X	X		
Análise dos dados				X	X	
Interpretação dos resultados				X	X	X
Divulgação dos resultados		X		X		X
Redação de relatório						X

Etapas de elaboração e tempo previsto para sua realização

9. Palavras finais

No projeto, procuramos mostrar que são tênues as fronteiras entre a composição e a derivação, fato que levou autores como Baker (2000), Ralli (2007, 2010) e Kastovsky (2009) a idealizar um *continuum* entre esses dois processos de formação de palavras. Com base em dados do português brasileiro, pretendemos defender essa proposta, pois há, no atual estágio da língua, várias construções morfológicas que de fato exibem características desses dois mecanismos e, no nosso entendimento, comprovam a existência de operações mais difusas e, por isso mesmo, menos prototípicas. Desse modo, uma classificação nos moldes aristotélicos, feita com base no *tudo-ou-nada*, não consegue acolher uma gama variada de formativos envolvidos na criação de palavras em português, uma vez que pressupõe que as categorias (a) são definidas por um conjunto de propriedades necessárias e suficientes, (b) têm fronteiras claramente definíveis e (c) são constituídas por membros com idêntico estatuto.

Referências

ALMEIDA, Maria L. Leitão. Cruzamento Vocabular no Português: aspectos Semântico-cognitivos. In: Neuza Salim Miranda; Maria Crsitina Name. (orgs.). *Linguística e Cognição*. 1 ed. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2006, v. 1, p. 157-170.

ALMEIDA, Maria L. Leitão & GONÇALVES, Carlos Alexandre. Bases semântico-cognitivas para a diferenciação de cruzamentos vocabulares. *Revista Portuguesa de Humanidades*, v. 11, p. 75-85, 2007.

ALMEIDA, Maria L. Leitão & GONÇALVES, Carlos Alexandre. Cruzamento vocabular no português brasileiro: aspectos morfo-fonológicos e semântico-cognitivos. *Revista Portuguesa de Humanidades*, Braga (Portugal), v. 8, n. 1, p. 151-170, 2004.

ÁLVARO, Patrícia Teles. *Nas raias da recategorização léxico-semântica: um estudo sócio-cognitivo da combinação lexical em português*. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras, 2003

ANDRADE, Kátia Emmerick. *Uma análise otimalista unificada para mesclas lexicais do português do Brasil*. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008.

ARAÚJO, Gabriel Antunes. Truncamento e Reduplicação no PB. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 10, n. 1, p. 61-90, 2002.

AULETE, Caldas. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa – digital*. São Paulo: Lexikon, 2009.

AURÉLIO, Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio Eletrônico – Século XXI*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BAKER, M. On Derivational Asymmetries in Derivational Morphology. In S. Bendjaballah et als (eds.) *Morphology 2000: Selected Papers from the 9th Vienna Morphology Meeting*. Amsterdam: John Benjamins, 2000, 21-104.

BASILIO, Margarida. Fusão Vocabular Expressiva: um estudo da produtividade e da criatividade em construções lexicais. In: *Actas do XXV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL, 2009.

BASILIO, Margarida. Cruzamentos Vocabulares como construções morfológicas. In: *Anais do IV Congresso Internacional da ABRALIN*. Brasília: UnB, 2005. p. 387-390.

BASILIO, Margarida. Formação de palavras no português falado: condições de produção. In: *Anais do I Congresso da ASSEL-RIO*. Rio de Janeiro: Puc-Rio, 1992.

BAUER, Laurie. Is there a class of neoclassical compounds, and if so, is it productive? *Linguistics* 36/3, p. 403-422, 1998.

BAUER, Laurie. The borderline between derivation and compounding. In DRESSLER, W. et al. (eds.) *Morphology and its Demarcations*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, p. 97-108, 2005.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2000.

BELCHOR, Ana Paula Victoriano. *Construções de truncamento no português do Brasil: análise estrutural à luz da Teoria da Otimalidade*. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009.

BLOOMFIELD, Leonard. *Language*. New York: Holt, 1933.

BOOIJ, Geert. *Construction morphology*. Oxford: Oxford University Press, 2010.

BOOIJ, Geert. Construction morphology and the lexicon. In: Fabio Montermini; Gilles Boyé; Nabil Harbout (eds.). *Selected proceedings of the 5th Décembrettes. Morphology in Toulouse*. Somerville MA.: Cascadilla Press, 2007, pp. 34-44.

- BOOIJ, Geert. Compounding and Derivation. Evidence for Construction Morphology. In: W. Dressler et al. (eds.). *Morphology and its Demarcations*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2005, pp. 109-131.
- BOOIJ, Geert. *Morphology: the grammar of words*. Oxford: Oxford University Press, 2002.
- BUENO, Francisco da Silveira. *Grande dicionário etimológico-prosódico da língua portuguesa*. São Paulo: Lisa, 1988.
- CHAVES DE MELO, Gladstone. *Iniciação à filologia e à lingüística portuguesa*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1981.
- COROMINAS, Juan. *Dicionário crítico etimológico*. Madrid: Editorial Gredos, 1987.
- CORREIA, S.; ANTUNES, M.; GONÇALVES, R. *E-terms: descrição e hipótese de classificação*. In: Mendes, A. & Freitas, T. (orgs.). *Actas do XVIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística (APL)*. Lisboa: APL & Colibri, p. 121-130, 2008.
- COUTINHO, Ismael Lima. *Pontos de gramática histórica*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1968.
- CUNHA, C. & CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- CUNHA, Celso Ferreira. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: MEC/FENAME, 1975.
- CUNHA, Antonio Geraldo da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.
- DANKS, Deborah. *Separating Blends: A formal investigation of the blending process in English and its relationship to associated word formation processes*. University of Liverpool, 2003.
- FANDRYCH, Irina. Submorphemic Elements in the Formation of Acronyms, Blends and Clippings. In *Lexis – E-Journal in English Lexicology 2: Submorphemics*, 2008.
- FURTADO, Lílian Ribeiro. *Análise semântico-cognitiva das substituições sublexicais em português*. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2011.
- GÓES, Carlos. *Dicionário de afixos e desinências*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1937.
- GÓES, Carlos. *Dicionário de raízes e cognatos da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: P. de Azevedo, 1945.
- GONÇALVES, Carlos Alexandre Victorio. *Composição e Derivação: Polos Prototípicos de um Continuum? Pequeno estudo de casos*. *Domínios da Lingu@gem*, Uberlândia, 5, 2011a.
- GONÇALVES, Carlos Alexandre Victorio. *Compostos Neoclássicos: Estrutura e Formação*. *REVEL – Revista Virtual de Estudos da Linguagem*, Porto Alegre, 14, 2011b.
- GONÇALVES, Carlos Alexandre Victorio. *Paitrocínio, tecno-macumba, maridoteca : o comportamento das formas combinatórias no português do Brasil*. In: *Revista da ABRALIN*, 8, (1), 2011c.
- GONÇALVES, Carlos Alexandre Victorio. *Construções truncadas no português do Brasil: das abordagens tradicionais à análise por ranking de restrições*. In: Collischonn, Gisela; Battisti, Elisa. (Org.). *Língua e linguagem: perspectivas de investigação*. Porto Alegre: EDUCAT, 2011c, pp. 293-327.
- GONÇALVES, Carlos Alexandre Victorio. *Retrospectiva dos estudos em Morfologia Prosódica: das circunscrições e regras à abordagem por ranking de restrições*. *Alfa (ILCSE/UNESP)*, v. 53, p. 195-221, 2009.

- GONÇALVES, Carlos Alexandre Victorio. A ambimorfemia de cruzamentos vocabulares em português: uma abordagem por ranking de restrições. *Revista da ABRALIN*, v. 5, p. 169-184, 2006.
- GONÇALVES, Carlos Alexandre Victorio. Relações de identidade em modelos paralelistas: morfologia e fonologia. *DELTA – Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 75-119, 2005.
- GONÇALVES, Carlos Alexandre Victorio. A morfologia prosódica e o comportamento transderivacional da hipocorização no português brasileiro. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 12, p. 7-38, 2004a.
- GONÇALVES, Carlos Alexandre Victorio. Processos morfológicos não-concatenativos: formato prosódico e latitude funcional. *Alfa (ILCSE/UNESP)*, Araraquara, v. 48, n. 2, p. 30-66, 2004b.
- GONÇALVES, Carlos Alexandre Victorio. Cruzamento vocabular em português: a questão das fronteiras com outros processos de formação. In: *Anais do III Congresso Nacional da ABRALIN*. Niterói: UFF - Centro de Estudos Gerais, 2003. v. 1. p. 824-831.
- GONÇALVES, Carlos Alexandre Victorio & ALMEIDA, Maria Lucia Leitão. Por uma Cibermorfologia: Abordagem Morfossemântica dos Xenocostituintes em Português. In: MOLLICA, M. C. & GONZALEZ, M. (orgs.) *Linguística e Ciência da Informação: Diálogos Possíveis*. Curitiba: Appris, p. 105-127, 2012.
- GONÇALVES, Carlos Alexandre Victorio; ANDRADE, Katia Emmerick; ALMEIDA, Maria Leitão. Se a macumba é para o bem, então é boacumba: análise morfoprosódica e semântico-cognitiva da substituição sublexical em português. *Linguística* (Rio de Janeiro), v. 6, 2010, p. 64-82.
- GONÇALVES, Carlos Alexandre Victorio. & ASSUNÇÃO, F. P. A humorfologia dos cruzamentos vocabulares em Português: análise da coluna de Agamenon, de o Globo. *Veredas (UFJF)*, v. 13, p. 57-71, 2009.
- GONÇALVES, Carlos Alexandre Victorio & VAZQUEZ, Renato Pazos. Fla X Flu no Maraca: uma análise otimalista do truncamento no português do Brasil. In: Silva, J. P. da. (Org.). *Questões de morfossintaxe*. 1 ed. Rio de Janeiro: CiFeFil, 2004, v. 8, p. 56-64.
- HASPELMATH, M. *Understanding Morphology*. Oxford: Oxford University Press (Arnold Publications), 2002.
- HECKLER, Evaldo et al. *Dicionário morfológico da língua portuguesa*. Porto Alegre: UNISINOS, 1981.
- HOUAISS, Antônio. *Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia, 2009.
- KASTOVSKY, Dieter. Astronaut, astrology, astrophysics: about combining forms, classical compounds and affixoids. In: McConchie, R. W. et al. (eds.). *Selected Proceedings of the 2008 Symposium on New Approaches in English Historical Lexis (HEL-LEX 2)*. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project, 2009, p. 1-13.
- KATAMBA, Francis. *Morphology*. New York: Saint Martin Press, 1990.
- KENESEI, István. *Semiwords and affixoids: the territory between word and affix*. Budapest, Research Institute for Linguistics, Budapest, 2007.
- LAROCA, Ma. Nazaré de Carvalho. *Manual de morfologia do português*. Campinas: Pontes, 1994.
- LEHRER, Adrienne. Scapes, holics and thons: the semantics of combining forms. *American Speech*, 73 (1), 1998, p. 3-28.

- LÜDELING, Anke. *Neoclassical word-formation*. Berlin: Universität zu Berlin, 2004.
- LUFT, Celso Pedro. *Moderna gramática brasileira*. Porto alegre: Globo, 1978.
- MACHADO, José Pedro. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Lisboa: Conferência Editorial, 1967.
- MARTINI, Lirian. *Morfologia Prosódica do Português Brasileiro*. Tese de doutorado em Linguística. Belo Horizonte: UFMG, 2010.
- MICHAËLLIS, C. *Michaelis Moderno Dicionário da Língua Portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 2007.
- NASCENTES, Antenor. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1955.
- OLIVEIRA, P. A. & GONCALVES, C. A. O Processo de recomposição e os formativos eco- e homo- no Português brasileiro: compressão semântica e análise estrutural. *Cadernos do NEMP*, Rio de Janeiro, n. 2, p. 171-184, 2011.
- PETROPOULOU, Evanthia. On the parallel between neoclassical compounds in English and Modern Greek. *Patras Working Papers in Linguistics*. Atenas, vol. 1, 2009, p. 40-58.
- PLAG, Ingo. *Word-Formation in English*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- PRÉIÉ, Tvrtko. Suffixes vs. final combining forms in English: a lexicographic perspective. *International Journal of Lexicography* 21, 2008.
- RALLI, Angela. Compounding versus derivation. In: Scalise, S.& Vogel, I. (eds.) *The Benjamins Handbook of Compounding*. Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2010.
- RALLI, Angela. Compounds in Modern Greek. *Rivista di Linguistica* 4 (1): 143-174, 2007.
- RODRIGUES LAPA, Manoel. *Estilística da Língua Portuguesa*. Lisboa: Seara, 1971.
- RONDININI, Roberto Botelho. *Formações X-ólogo e X-ógrafo no português: uma abordagem derivacional*. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro/Faculdade de Letras, 2004.
- RONDININI, Roberto Botelho & GONÇALVES, Carlos Alexandre. Formações X-logo e X-grafo: um caso de deslocamento da composição para a derivação? In: *Textos selecionados do XXII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística (APL)*. Coimbra/Lisboa: Colibri, v. 22, p. 533-546, 2006.
- ROSA, Maria Carlota. É Morfologia? *Linguística – Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto*, v. 4, p. 45-58, 2009.
- SAID ALI, Manoel Said. *Gramática histórica da língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 1966.
- SANDMANN, Antônio José. *Morfologia lexical*. São Paulo: Contexto, 1989.
- SCALISE, S. *Generative Morphology*. Foris: Dordrecht, 1984.
- SILVEIRA, Carlota Michele da. *Cruzamento Vocabular em português: acaso ou processo?* Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras, 2002.
- SPENCER, Andrew. *Morphological theory*. Cambridge: Blackwell, 1991.
- ŠTEKAUER, P. *An Onomasiological Theory of English Word-Formation*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins, 1998.

ten HACKEN, Paul. Derivation and Compounding. In: G. Booij, C. Lehmann & J. Mugdan (eds.). *Morphologie - Morphology : Ein Handbuch zur Flexion und Wortbildung - A Handbook on Inflection and WordFormation*. Berlin: Walter de Gruyter, 2000, pp. 349-360.

ten HACKEN, Pius. *Defining Morphology: a principled approach to determining the boundaries of compounding, derivation, and inflection*. Hildesheim: Olms, 1994.

VAZQUEZ, Renato Pazos. & GONÇALVES, Carlos Alexandre. Profe, hay un forasta en el cole! Los Acortamientos léxicos bajo el enfoque morfológico, sociolingüístico y pragmático. In: XV Congresso da ALFAL, 2008, Montevidéo. *Anais do XV Congresso da ALFAL*. Montevidéo: ALFAL, 2008. v. 15. p. 25-36.

VAZQUEZ, Renato Pazos; COUTO, Leticia Rebollo & GONÇALVES, Carlos Alexandre. Cuando la seño es mi profe: una propuesta de análisis del acortamiento léxico. In: *I Congresso Internacional da Associação Brasileira de Hispanistas*. Belo Horizonte: Fac. de Letras da UFMG, 2008. v. 5. p. 3274-3281.

VILELA, A. C. ; GODOY, Luisa; CRISTÓFARO SILVA, Thaís. Truncamento no português brasileiro: para uma melhor compreensão do fenômeno. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, MG, v. 14, n. 1, p. 149-174, 2006.

WARREN, Beatrice. The importance of combining forms. In: Dressler, Wolfgang U., Hans C. Luschützky Oskar E. Pfeiffer & John R. Rennison (eds.). *Contemporary morphology*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1990, pp. 111–132.